E tudo começou na sala de aula[1]

Roberta Cesarino IAHN
Centro Universitário Belas Artes

Antônio Roberto CHIACHIRI
Faculdade Cásper Libero

RESUMO

A universidade estabeleceu seus códigos e não reage às mutações da nova era de informação e comunicação, que nos apresenta grandes desafios nos relacionamentos. Esta situação nos obriga a pensar na mediação como forma de construir conhecimento, para assim transformar dados em saber. O professor é a maior vítima e o maior vilão desta incomunicabilidade no ambiente universitário. É um grande paradoxo para uma figura que é mediadora por essência. E seu local de atuação – a sala de aula – exige mudanças, posturas e criatividade. O educar aclama por mudanças. A comunicação por essência, pode ser a área do saber que pensará estas mudanças, devida a proximidade com os fatores que revolucionam nossos processos de aprendizagem como a tecnologia e o espírito do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; educação; professor; aluno; mediação

Miró sentia a mão direita
demasiado sábia
e que de saber tanto
já não podia inventar nada.

Quis então que desaprendesse
o muito que aprendera,
a fim de reencontrar
a linha ainda fresca da esquerda.

Pois que ela não pôde, ele pôs-se
a desenhar com esta
até que, se operando,
no braço direito ela a enxerta.

A esquerda (se não se é canhoto)
é mão sem habilidade:
reaprende a cada linha,
cada instante, a recomeçar-se.

João Cabral de Melo Neto – Serial

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação durante XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Ao destacar este poema enaltecemos um sentimento cruel e muito necessário para a sobrevivência - a angústia do recomeço. Talvez, assim a sala de aula represente o espírito de nossa contemporaneidade - um local de recomeço – que nos obriga a questionar o presente para idealizar o futuro. A cada nova turma de alunos, os docentes recomeçam a busca por metodologias e diálogos. A cada nova turma de alunos nos sentimos mais incompletos e ignorantes.

Se partimos para uma experiência que, por algum motivo, já vivemos anteriormente, mas, agora, vamos vivê-la novamente, a ideia de recomeçar pode parecer quase o mesmo que o renascimento. Contudo, a possibilidade de fazer novamente, mudar o que foi feito errado e ousar ir além do que se é compreendido, parece também uma oportunidade única de se sentir mais vivo e forte.

O descontentamento com o tempo presente é um elemento natural da essência humana. Ontem ou amanhã parecem sempre melhores do que o hoje. Ou porque o ontem é uma referência na lembrança ou porque o amanhã é a diferença no futuro. "Em última instância, adaptar-se é morrer" (Cortella, 2000, p. 39).

As transformações das últimas décadas tornaram o mundo mais veloz e competitivo. A tecnologia construiu um modo e uma linguagem de fazer, que parece ter deixado todas as coisas mais flexíveis. Vivemos a intensidade desse período de mudança. Fomos em menos de três décadas da datilografia, ao curso de informática para linguagem DOS, do Photoshop à linguagem 3D.

Entender o processo criativo é sempre um grande desafio de pesquisa, pois depende de dois fatores que exigem atenção e tempo: experimentar e observar. Picasso dizia que aprendeu a ver com as crianças, para permitir que sua imaginação trabalhasse sem preconceitos.

Comunicar significa observar o outro, entender suas escolhas, pensar como ele e sentir sua pulsação para poder trocar elementos que confirmem uma interação entre a mensagem e o público. Novos formatos já iniciavam uma revolução nas mídias tradicionais e fontes tão diversificadas de informação se apresentavam sem perspectiva de fim.

John Dewey , professor de Filosofia, no início do século XX, do Instituto Superior de Formação de Professores da Universidade de Columbia, dizia que a Filosofia da Educação significa "a necessidade de uma nova ordem de concepções que conduza a novos modos de práticas". Ou seja, a consciência da mudança, seu formato e direção são

elementos necessários para orquestrar as necessidades das pessoas, da própria instituição e da educação como um todo.

Ao mesmo tempo que é muito difícil nos liberarmos das tradições e traços da nossa cultura para imprimirmos um processo de mudança, também é muito tentador apenas impor novas ações, como se a educação fosse algo próximo a uma máquina de testes, alimentada pela vontade de colocar em prática novas ideias, porém descuidando-se de seus fundamentos.

É preciso entender como as situações acontecem, como as pessoas pensam e o que precisamos fazer para motivá-las. Para Edgar Morin, a causa de nossos erros está no modo como organizamos nosso saber em um sistema de ideias, com teorias e ideologias. Este pensamento também acompanha a discussão de Dewey, citada por Morin:

> Adquirimos conhecimentos inauditos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico. Na ciência há um predomínio cada vez maior dos métodos de verificação empírica e lógica. As luzes da Razão parecem fazer refluir os mitos e trevas para as profundezas da mente. E, no entanto, por todo lado, erro, ignorância e cegueira progridem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos. (Morin, 2007, p. 9)

Esta organização do conhecimento acontece sempre por meio de uma seleção de dados, que ao serem hierarquizados passarão a dirigir nossa visão de mundo. Esta seleção de informação interage como as nossas percepções, que resultam da experiência de nossas vidas, guardadas e reproduzidas em nossa memória. Se tudo depende da qualidade de nossas experiências, em educação, o hoje, o imediato e o presente podem não dar espaço para a discussão de um plano educacional mais coerente e complexo.

O Brasil passou por um intenso estímulo a educação superior. No início da década passada, o governo federal criara leis de incentivo tanto para alunos como para as instituições. O terror dos jovens - o vestibular ganhou um novo nome - processo seletivo, permitindo também o afrouxamento das exigências intelectuais para ingresso na universidade em detrimento ao preenchimento da enorme quantidade de vagas e cursos oferecidos pela universidades particulares.

A universidade era agora uma obrigatoriedade para os jovens brasileiros e seu objetivo era reduzido a práticas profissionais. A democratização do ensino universitário era o caminho para um curso qualquer que garantisse a formação profissional e a empregabilidade. Cada vez mais a formação do homem social e intelectual se afastava do desenho do novo ensino superior.

Enquanto a maioria das notícias sobre o mundo corporativo mostra que há uma verdadeira necessidade de conhecimento no mercado profissional em geral, a vida universitária está servindo a uma empregabilidade de pouca consistência e durabilidade, exatamente pela falta de uma formação real e humana, além dos saberes e necessidades técnicas. Peter Drucker, em *Administração na próxima sociedade*, descreve o novo cenário para o "trabalhador do conhecimento":

> Aquela que chamamos de revolução da informação é, na verdade, uma Revolução do Conhecimento. O que possibilitou a rotinização de processos não foi o equipamento: o computador é apenas o gatilho. O software é a reorganização do trabalho tradicional, baseado em séculos de experiência, por meio da aplicação de conhecimento e, em especial, de análise sistêmica e lógica. A chave não é a eletrônica, mas sim a ciência cognitiva. Isso significa que a chave para manter a liderança na economia e na tecnologia que estão prestes a emergir é, provavelmente, a posição social dos profissionais de conhecimento e aceitação social de seus valores. Caso eles permaneçam como "funcionários" tradicionais e sejam tratados como tais, isso equivalerá ao tratamento de negociantes dado pelos ingleses aos seis tecnólogos – e as consequências provavelmente serão semelhantes. (Drucker, 1999, p. 27 e 28)

Portanto, pensar a educação universitária é ir muito além das aulas de computação gráfica e dos novos *softwares* de tratamento de imagem. Comunicação é economia, sociologia e psicologia. É uma forma de representar o mundo e quem a faz precisa conhecer e muito o alcance e efeitos do seu ofício.

Para pensarmos na verdadeira interdisciplinaridade de conteúdo buscamos uma troca de ideias livre da especialização, pois ao final o que interessa é a articulação de todos os conhecimentos. Mas, os saberes compartilhados e as metas comuns são ameaças ao conforto e a repetição de fórmulas alimentadas pelo sistema educacional e, porque não, pelo próprio mercado profissional.

> Estaremos neste tempo a nós reservado protegidos do medo e da recusa a que a estagnação do sistema educativo nos coloca. Termos condição de compreender porque aqui nos juntamos, porque o novo que pregamos incomoda em qualquer cultura, por que desacomoda o instituído, o aceito. (Fazenda, 2008, p.15)

Ainda conseguimos manter nossa estrutura, porque nos últimos dez anos este discurso pedagógico foi muito difundido nas diretrizes educacionais do MEC – Ministério da Educação. A interdisciplinaridade é um objeto de cobrança das comissões de análise dos cursos superiores em época de credenciamento.

Apesar de ser um tema muito discutido, poucos pesquisadores realmente se dedicaram a pesquisa como a pedagoga Ivani Fazenda. Para ela podemos definir este conceito como uma discussão entre "saber saber, saber fazer e saber ser", um eterno dilema sobre a parceira, o particular, a defesa de espaços e a oferta do novo.

Interdisciplinaridade aplicada às disciplinas técnicas é quase uma releitura do dia a dia profissional. É mais do que uma junção de disciplinas com algum objeto ou objetivo comum, é um "processo de aprendizado respeitando os saberes dos alunos e sua integração". (Fazenda, 2008, p.21)

O fazer junto com os alunos se tornou o único meio para mostrar o processo, provocá-los a pensar e resolver criativamente os problemas. Destaca-se a construção e o processo em conjunto, e isso não significa fazer trabalhos em grupo, pois isto todo mundo faz desde criancinha.

A experiência de fazer acontecer juntamente com os alunos como um processo importante e difícil é incompreensível pelo sistema educacional atual. Aliás, logo no prefácio do livro de John Dewey – *Experiência e educação* – encontramos uma frase desafiadora: "o campo da educação é uma arena para controvérsias". (Dewey, 2010: prefácio)

Pessoas pesquisam, lêem, têm opiniões, mas, nem por isso, produzem ou entendem com clareza o que estão fazendo. Muitos dos professores, no papel de orientadores, se colocam como "doutores" do saber e não compartilhavam a experiência do fazer em conjunto ou até mesmo junto com os alunos. A postura é a de um conselheiro, mais velho, dono do saber e bastante distante. Não é o tutor que transfere sua experiência. Há um exercício de poder que está nos distanciando de todo o processo da educação.

> A percepção dos níveis da interdisciplinaridade escolar (curricular, didático e pedagógico) poderia ser repensada em TRÊS planos: a disciplina no nível curricular, a interdisciplinaridade no nível Didático e a transdisciplinaridade no nível pedagógico. No entanto, a interdisciplinaridade no Brasil aponta para uma concepção de que a própria interdisciplinaridade realiza esse movimento de transformação no currículo, na Didática e na sala de aula. Isso porque considera que a escola precisa trabalhar com um conhecimento vivo, que tenha sentido para os que nela habitam: professores e alunos. O processo pedagógico precisa se transformar no diálogo, tanto entre as pessoas quanto entre as disciplinas. (Moreira, in Fazenda, 2008, p. 87)

Observar os alunos, dialogar com eles e testar possibilidades diferentes foi a grande referência para os processos de avaliação pedagógica e de reestruturação da grade

curricular. Contudo, desta experiência constata-se que a sala de aula tem deixado um vazio na construção do conhecimento, que as novas ferramentas tecnológicas precisam se tornar aliadas do pensar e que as instituições se ressentem da necessidade de mudar e pensar a própria essência. Os professores, contudo, parecem ser os mais resistentes.

Aprender a perguntar e a investigar é uma conquista importante, pois daí surge a fórmula segura de enfrentar obstáculos. A pesquisa muitas vezes acaba por se tornar muito direcionadora. Este fato também precisa ser desconstruído, pois fazer parte do processo do projeto educacional é entender como as ferramentas nos podem ser úteis, mas, principalmente como não podemos nos tornar dependentes delas.

A velocidade da informação não dá conta da profundidade ou vice-versa. Esta nova geração de alunos tem muitas ferramentas a mão, tem pressa por fazer e, ao terminar etapas importantes, sente um enorme vazio, quase uma falta de conteúdo, a ausência do aprendizado. Sentem que estudam, mas não aprendem. No final da faculdade chegam a ficar inseguros sobre a perda do rótulo "estudante", como se não tivessem mais desculpas e não pudessem mais errar. A geração Y, definida assim comercialmente para indicar o perfil de jovens nascidos após a década de 80 e com grande afinidade com as tecnologias, é um ser angustiado por essência. Mas, o que nos chama a atenção foi um sentimento de vazio vindo dos alunos nas salas de aula.

Não é possível nos conformar com as desculpas como conflito de gerações, interferência de tecnologias ou pais super protetores. Algo em nosso projeto educacional está nos revelando um importante movimento que se espalha: a sala de aula não acompanha as expectativas dos alunos. E, eles por sua vez, enxergavam em nós, a representação de um sistema caótico, burocrático e embrutecido.

A total descrença no saber e o exercício acadêmico se proliferou na graduação, lotou os cursos de pós-graduação e afastou ainda mais a academia do mercado. Um apontando para o outro a responsabilidade por construir a relação e ambos negando a convergência, a importância de seus papeis, onde a educação do homem para a compreensão da sua importância no mundo, parece ser a questão mais penalizada.

Algumas desconfianças: a primeira é que, como qualquer atividade, o envolvimento com o resultado, produzido por outro é mais compreensível do que o início de algo novo que depende de uma nova interpretação. Explicando este pensamento, apontamos que analisar o que está pronto, que muitas vezes pode-se saber até qual é o objetivo, permite que articulemos melhor as ideias e interpretamos aquilo com um repertório pré-adquirido.

A segunda desconfiança é que a informação já chega analisada, sem o esforço de um pensamento inédito. Muitos *blogs* já comentam o que mostram, ou seja, oferecem a informação como um pacote completo, quase um direcionamento do pensar.

Ainda uma terceira questão é a falta de articulação dos professores com estes novos recursos de informação. Todos nós temos acesso às mesmas informações. A rede de comunicação estabelecida pela internet nos permite receber as mesmas informações e, a partir delas, podemos criar um grande repertório e discussões comuns. Contudo, isso não acontece. A dificuldade dos professores em dinamizar seus conteúdos e formas de aprendizado vem deixando para o mercado a tarefa da formação do repertório.

Por último, o mercado de trabalho absorve os alunos ainda no início da formação de seus repertórios, não permitindo que o senso crítico seja despertado, sendo ele a referência do que é bom e do que é ruim. O mercado de trabalho não respeita a formação acadêmica, que, por sua vez, pouco oferece para ser respeitada, criando assim enorme lacuna entre teoria e prática.

Estas questões surgiram do convívio com os alunos em sala de aula. Muitas vezes percebemos que aqueles alunos que pareciam entender muito bem o jogo do mercado, na hora de desenvolver e criar suas soluções, se tornavam escravos deste repertório de impressões. Os alunos estão perdendo a capacidade de reagir empiricamente, experimentar e criar sem um grande dose de análises pré-estabelecidas. Eles têm cada vez mais medo de errar e pouca expressividade para correr riscos.

> Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão de longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetárias tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável. (Morin, 2004, p. 14 e 15)

Pode-se questionar se o que dizemos é que o excesso de informação vem atrapalhando o desenvolvimento profissional dos alunos. A resposta é sim e não. Acredita-

se que este problema é gerado pelo repertório e experiência educacional do passado dos alunos, com a falta de visão e objetivos da formação acadêmica no presente.

Por isso, sim, o excesso de informação é uma máscara, um disfarce para total falta de habilidade de interpretar as coisas do mundo. Portanto, nada melhor do que adquirir como conhecimento aquilo que já foi interpretado. O excesso de informação ao menos permite que o contato com diversas interpretações sobre as coisas aconteça.

Também destacamos aqui o abismo em que se transformou a sala de aula. Talvez, seja na atualidade o local menos adequado para o aprendizado. Colocar computadores e mesas retangulares não supre a lacuna criada entre a pesquisa e o estudo e a prática e o pensar.

A comunicação, por exemplo, é uma atividade profissional que acaba redesenhada pelos avanços da tecnologia. Seu objetivo é prático e dinâmico. Dito isso, devemos refletir sobre a verdadeira necessidade de formação profissional, para não cairmos no vício de confundir formação humana e acadêmica com aprendizado técnico e profissional.

Esta confusão entre o tipo de formação que um curso de Comunicação deve promover, talvez seja a causa desta constatação: saber analisar não é saber fazer, porque este saberes estão dissociados e são mal conduzidos no início da vida adulta do universitário. É um conflito do propósito educacional que no caso da comunicação vem se tornando cada vez mais evidente.

> "Educação" é uma palavra forte: "Utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano; esses próprios meios.
>
> O termo "formação", com suas conotações de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o auto didatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito.
>
> O "ensino", arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo. A bem dizer, a palavra"ensino" não basta, mas a palavra "educação" comporta um excesso e uma carência.
>
> A missão do ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. (Idem, p. 10 e 11)

Muitos cursos de graduação em comunicação já eliminaram disciplinas como antropologia, sociologia e filosofia afirmando que este conhecimento não cabe mais na formação universitária desta habilitação, o que está na contramão do que o profissional

desta habilitação necessita conhecer da sociedade para compreensão e a elaboração das mensagens. A universidade não aciona esta rede de conhecimentos:

> Sem dúvida ensinar, falar simplesmente, fora de toda sanção institucional, não constitui uma atividade que seja, por direito, pura de qualquer poder: o poder (a libido dominanti) aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder. Assim, quanto mais livre for esse ensino, tanto mais será necessário indagar-se sob que condições e segundo que operações o discurso pode despojar-se de todo desejo de agarrar. (Barthes, 1977, p. 10)

Para Barthes (1977), falar não é comunicar, já que a língua é uma classificação. A linguagem como legislação e a língua como seu código, estabelecem uma relação de poder, onde instituições e sistemas de ensino exercem sua arrogância no discurso do conhecimento.

A universidade estabeleceu seus códigos e não reage às mutações da nova era de informação e comunicação, que nos apresenta grandes desafios nos relacionamentos. Esta situação nos obriga a pensar na mediação como forma de construir conhecimento, para assim transformar dados em saber: "as pessoas são diferentes, suas vidas são distintas umas das outras, mas há uma constante em todas elas: a incomunicabilidade." (Marcondes, 2008, p. 13)

O professor é a maior vítima e o maior vilão desta chamada incomunicabilidade no ambiente universitário. É um grande paradoxo para uma figura que é mediadora por essência. O professor é um grande agente de mudanças quando livre para aplicar seus princípios: "deve ir além do mero ensino de conteúdos, propondo estratégias de análise, síntese, comparação, classificação, estabelecimento de relações." (Souza, 2004, p. 35)

Os percursos de um professor em sua prática acadêmica podem ajudá-lo a perceber possibilidades no desenvolvimento da aprendizagem e do conhecimento. Estes caminhos lhe apresentam histórias e vivências que se transformam em um "caldo" de percepções. O grande perigo desta trajetória está nas burocracias educacionais e nas regras mercadológicas.

Estes perigos surgem e se transformam em barreiras para o desenvolvimento crítico e criativo da principal função da universidade: a formação do cidadão que pode mudar, se adaptar, confrontar e principalmente evoluir com autonomia.

As rotas não podem afetar o olhar do professor para o aluno, para educação e para a profissão. Assim, estabelecerá critérios para desenvolver a interação entre fontes de

informação e desenvolvimento do conhecimento: "impossível saber como será o mundo de amanhã. Será, entretanto, da maneira que os professores o fizerem. Nenhuma profissão, em nenhum tempo, dispõe da possibilidade presente ao magistério para modelar os seres humanos que virão." (Antunes, 2007, p. 7)

Os estudantes são desafios diários. Nunca uma turma de alunos é igual a outra e o somatório destas vivências que nos sensibiliza, permite a criação de estímulos conscientes para ligar e estabelecer a conexão entre todas as possibilidades de construção de conhecimentos. Todavia, é quase uma utopia à prática desta relação: aberta, mutante e exploratória. No cotidiano percebemos alunos desinteressados ou cobrando atitudes que tanto discutimos nas reuniões pedagógicas. O aprender a pensar é muito mais complexo e ainda está longe de ser atendido.

O acúmulo de informações não aciona a rede de conhecimentos

> O cérebro, jamais se duvidou, sempre foi o órgão essencial da aprendizagem. Educar sempre foi estimular, animar, "acordar" enfim a mente. (Antunes, 2009, p. 12)

Vivemos em um momento rico em recursos de informação e pesquisa. O acesso ao conhecimento, principalmente para quem frequenta a universidade, é muito fácil, pois seja pelas tradicionais bibliotecas ou pelo computador, o estudante dispõe de uma impressionante quantidade de dados organizados para pesquisa.

Uma curiosidade é que a informação se tornou um objeto de desejo do consumo. Nossos armários físicos e mentais estão cheio de tudo o que achamos imprescindível. Nossa cultura respira o acúmulo e, por mais que os novos tempos aspirem uma reflexão sobre o papel do consumo em nossas vidas, as economias globais e regionais ainda não estão preparadas para conviver com este pensamento mais sustentável.

Envolvida por esta realidade, a informação é vista como um bem que pode ser simplesmente acumulado. O fato de possuir meios para acumular conteúdo não significa que ele esteja assimilado. O *Google* pode arquivar a produção mundial, seja ela artística, bibliográfica, entre outras, mas não pode fazer alguém entender seu significado.

Precisamos saber como ocorre ativar o conhecimento e a compreensão de quaisquer temas, estabelecendo um diálogo real com as novas fontes de informação. São as relações que acionam o aprendizado e o conhecimento, portanto, a mediação entre a informação, sua

fonte e a aprendizagem é que permitirá a possibilidade de conhecimento concreto e não apenas o acúmulo: "os seres humanos são muito mais hábeis em reconhecer padrões do que em pensar através de combinações lógicas; portanto, confiamos nessa capacidade para quase todos os nossos processos mentais." (Johnson, 2003:93)

O acesso aos eventos e congressos já não são tão difíceis, muitos deles são transmitidos ao vivo pela internet, permitindo quem não pode pagar ou estar no local, acompanhar as discussões. Ou então, *blogs* comentam em tempo real o que está sendo discutido e ainda alimentam estes eventos com as dúvidas e discussões *on line*.

Estas novas possibilidades são importantes para a formação do repertório de qualquer profissional e em qualquer momento de sua carreira. Quase todas as revistas têm versões *on line*, o que também permite formatos de assinatura e possibilidade gratuitas de atualização do conhecimento. São inúmeros os sites que discutem a propaganda, design, cinema, fotografia e tantos outros assuntos não só no Brasil como no mundo todo, por exemplo.

A rede de informações que se formou em torno da comunicação é magnífica. Sem dúvida, pode ser uma fonte de repertório importante, veloz e bastante sugestivo a prática profissional. A escola deixou de ser a única fonte de educação e conhecimento e, isto deve ser comemorado.

Porém, as nossas experiências no aprendizado se tornam mais ricas e possíveis de troca. A rede social formada com a possibilidade para troca de conteúdo, não pode existir apenas como uma fonte paralela. Esses novos recursos são a oportunidade para a intensa troca: "ensina a ensinar quem, na vida, aprende a aprender." (Warschauer, 2001, p. 11)

É estranho o acúmulo perante as oportunidades de conhecimento. Mas, é justificável quando lembramos de nossa escola e da formação básica que nossos alunos receberam. A consultoria McKinsey, em pesquisa para UNESCO, sobre "Como os sistemas escolares mais aperfeiçoados do mundo continuam a melhorar" revelou um dado vergonhoso para nós: 1/3 dos brasileiros da 3ª a 6ª séries não é capaz de ler além de palavras e frases soltas.

Esse desastre educacional não está apenas nas escolas públicas. É uma fato real e que percebemos nos bancos das universidades todos os dias. Como pensar em uma rede de conhecimento se somos filhos desta realidade?

Por outro lado, a construção do conhecimento com outros recursos tem mostrado resultados significativos e desafiadores. Informação para se transformar em repertório precisa de um percurso e compreensão.

Existe uma falsa impressão de que os estudantes não se interessam pela informação, principalmente aquela destinada aos saberes humanísticos. Contudo, partir estes saberes em disciplinas não é garantia de inter relação e aderência de conhecimento.

A ordem do mundo não é mais dada e sim construída. A filosofia moderna nos trouxe o brilhante humanismo como nova teoria de conhecimento. E, a filosofia contemporânea permitiu o surgimento do mundo da técnica, onde sai a ciência moderna para a entrada da técnica contemporânea. Com isso, o tempo é uma fator decisivo para qualquer escolha. O tempo é a prioridade. Este é o nosso espírito.

A velocidade com que encontramos uma informação é infinitamente maior do que há alguns anos. Da mesma forma, a pressa para responder aos anseios do mercado, as mudanças de rota e de comportamento do consumidor também tem ritmo muito acelerado, nos causando a sensação e a angústia da insuficiência.

Com isso, o tempo para o aprendizado parece sempre dissonante, principalmente se comparado ao tempo da educação formal. A educação continuada é cada vez mais uma necessidade real, porém não somente para aprendizados técnicos ou reciclagens. Nossa sobrevivência e capacidade criativa dependem desta continuidade, que por ser tão móvel quanto o tempo, nos permite interagirmos e reagirmos à velocidade do nosso tempo.

> A paisagem tecnológica que herdamos da Revolução Industrial dos últimos duzentos anos é fruto, em grande parte, da matemática, da física, da mecânica e das engenharias. Ela corresponde a um mundo feito de aço e concreto, tangível, atual, e por conseguinte a ilusão de determos controle absoluto do sistema. A partir de agora, a experiência do mundo passa a ser regida por outros códigos e convenções, por linguagens e projetos capazes de reformular a percepção, muito mais do que a paisagem. (Flusser, 2007, p. 89)

O pensamento é complexo, não pode ser reduzido ou simplificado. E a comunicação humana é um processo artificial, baseada em artifícios e ferramentas (Flusser, 2007). A internet e a doutrina do tempo não podem congelar a nossa capacidade de pensar e de se comunicar. Muito pelo contrário, são ativadores de conteúdo, que muitas vezes se acumulam pela inabilidade de compreensão do que é a virtualidade – o espírito do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *O lado direito do cérebro e a sua exploração em aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 6ª Ed., 2009
_____. *Como desenvolver as competências em sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 8ª Ed., 2009
_____. *A criatividade na sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 4ª Ed., 2003
_____. *Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral*. Rio de Janeiro: Vozes, 6ª Ed., 2009
_____. *Como identificar em você e em seus alunos as inteligências múltiplas*. Rio de Janeiro: Vozes, 6ª Ed., 2008
_____. *O que é o projeto 12 dias/12 minutos?*. Rio de Janeiro: Vozes, 6ª Ed., 2007
_____. *Como transformar informações em conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 6ª Ed., 2007
BARTHES, Roland. *A aula*. São Paulo: Cultrix, 1978
DAMÁSIO, ANTONIO R. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo: Cia das Letras, 1996
DEWEY, John. *Experiência e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010
DRUCKER, Peter. *A administração na próxima sociedade*. São Paulo: Exame/Nobel, 2002
FAZENDA, Ivani (org). *O que é interdisciplinariedade*. São Paulo: Cortez, 2008
FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac&Naify, 2007
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996
MARCONDES, Ciro. *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria*. São Paulo: Paulus, 2008
MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feira: repensar a reforma, repensar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004
_____ . *Educar para a era planetária. O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos*. Lisboa: Balland, 2003
_____ . *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 3ª Ed, 2007
_____ . *Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
_____ . *O método 4: as ideias – habitat, vida, costumes, organização.* Porto Alegre: Sulina, 2005
_____ . *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar.* Rio de Janeiro: Garamond, 2004
_____ . *Para onde vai o mundo?* Rio de Janeiro: Vozes, 2010
WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001